

Em 2004, “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles, brigou por quatro troféus (roteiro, direção, montagem e fotografia), e não levou nenhum.

Salles, que foi indicado há 26 anos por “Central do Brasil” (Urso de Ouro na Berlinale de 1998), tem agora chances altas, sobretudo pelo êxito comercial, em escala global, de sua adaptação do romance homônimo de Marcelo Rubens Paiva. No próximo dia 7, o drama capitaneado por Walthinho (apelido do diretor carioca) amplia seu circuito nos EUA, o que pode multiplicar sua receita e estender suas chances de vitória em paragens hollywoodianas.

Em 1999, ele disputou a estatueta designada a produções não americanas (então chamada best foreign film) que acabou nas mãos de “A Vida É Bela” (Itália), do ator Roberto Benigni. Naquela data, a saga da escrevedora de cartas Dora rendeu a indicação ao prêmio de Melhor Atriz para a interpretação de Fernanda Montenegro, mãe de Torres. Em “Ainda Estou Aqui”, ela e a filha dividem o papel da advogada e ativista Eunice Paiva (1932-2018), que enfrentou a ditadura para descobrir o paradeiro do marido, o ex-deputado e engenheiro Rubens (papel de Selton Mello). Fernandona foi preterida em favor de Gwyneth Paltrow (concorrendo por “Shakespeare Apaixonado”), num dos resultados mais criticados da trajetória das cerimônias da Academia. Este ano, a instituição vai contemplar sua claqué de concorrentes no dia 2 de março, em evento no Dolby Theatre, em Los Angeles, tendo Conan O’Brien como apresentador.

As três indicações do Brasil foram divulgadas ontem num anúncio oficial apresentado pela atriz Rachel Sennott e pelo ator Bowen Yang. Eles apontaram o musical “Emilia Pérez”, do francês Jacques Audiard (que estreia aqui no dia 6) como o recordista de nomeações do ano, ativa em 13 categorias. Atrás dele, aparecem “O Brutalista”, de Brady Corbet (a ser lançado aqui no dia 20 de fevereiro), e “Wicked”, de Jon M. Chu (já em cartaz), empatados na caça a dez troféus cada um. Na esteira deles aparece “Um Completo Desconhecido” (a cinebiografia do cantor e compositor Bob Dylan) e o thriller “Conclave”, com oito indicações cada.

Estes cinco longas vão encarar “Ainda Estou Aqui” na corrida pelo Oscar principal de 2025, além de outras quatro produções: “Anora”, “Duna: Parte 2”, “Nickel Boys” e “A Substância”, que valeu à cineasta francesa Coralie Fargeat uma indicação à láurea de Melhor Direção. No filme dela está a principal concorrente de Torres, Demi Moore, vivendo



As chances são altas

uma estrela em decadência que, às voltas com um experimento químico, sofre uma metamorfose. Suas outras rivais são Mikey Madison (“Anora”, que ganhou a Palma de Ouro de 2024); Karla Sofia Gascón (única mulher trans que já disputou essa honraria, indicada por “Emilia Pérez”) e Cynthia Erivo (“Wicked”). Além do Globo dourado, Torres tem no currículo o prêmio de Melhor Interpretação Feminina de Cannes, que ganhou há 39 anos por “Eu Sei Que Vou Te Amar” (1986).

Protagonista de marcos do nosso teatro (“A Casa dos Budas Ditosos”) e de nossa TV (“Tapas e Beijos”), bem-sucedida ainda na prosa, em romances (“Fim” e “A Glória E Seu Cortejo de Horrores”), ela vem sendo elogiada em todos os festivais por onde a saga de Eunice passou, a começar pelo de Veneza, onde o roteiro de Heitor Lorega e Murilo Hauser foi premiado, em setembro. Depois, o longa brilhou em projeções em San

Sebastián, Nova York, Toronto e Marrakech, além da Mostra de São Paulo, onde ganhou o Prêmio de Júri Popular. No dia 4 deste mês, a Associação de Críticos do Rio de Janeiro (ACCRJ) elegeu a narrativa de Salles para o pódio do Top Ten de 2024, escolhendo-a como seu Filme do Ano. “Com tanto problema hoje em dia no mundo, tanto medo, esse é um filme que nos ajudou a pensar em como sobreviver em tempos como esses”, disse Torres na conquista do Golden Globe.

Torres trabalhou com Walthinho em duas outras ficções (ambas rodadas em duo com Daniela Thomas): “Terra Estrangeira”, de 1995 (hoje na Netflix), e “O Primeiro Dia”, que foi indicada ao Leopardo de Ouro de Roterdã em 1998. Os dois dão protagonismo a mulheres alquebradas por vetores sociopolítico, como é o caso da Eunice Paiva de “Ainda Estou Aqui”. Durante os Anos de Chumbo, no começo da década de 1970, ela vê seu

companheiro, Rubens ser levado à força para depor, sem nunca regressar. Dali para diante, ela se empenha em dissipar névoas da tortura e das práticas de sumiço de ditos “subversivos”, numa trajetória heroica. A montagem espartana de Affonso Gonçalves narra essa luta em saltos no tempo, com direito a uma entrada de F. Montenegro numa sequência de doer na alma. Maria Carlota Bruno (“No Intenso Agora”) e Rodrigo Teixeira (“A Vida Invisível”) assinam os créditos de produtor desse blockbuster sul-americano, que vem lotando complexos na França e em Portugal.

“O ‘Ainda Estou Aqui’ é um relato sobre uma mulher que, face à tragédia que se abate sobre sua família, face à uma terrível violência de estado, é obrigada à encontrar novas formas de resistência”, disse Salles por e-mail ao Correio da Manhã.

Walthinho passou 12 anos sem rodar longas de ficção depois do lançamento de